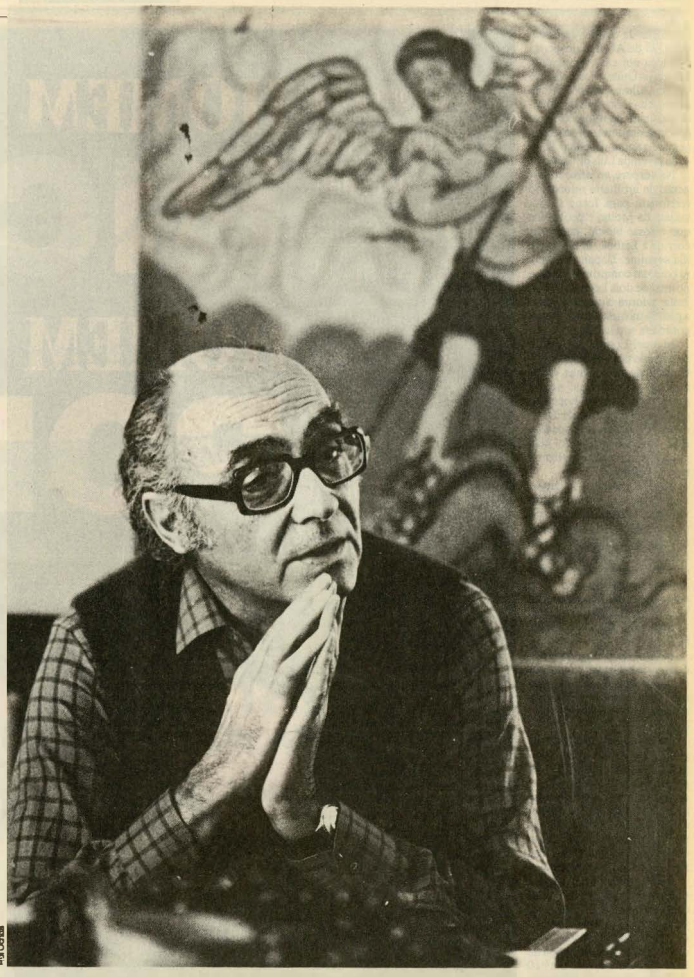
Saramago e a decisão de Sousa Lara

«Ainda acabo por me ir embora»

A exclusão de Saramago da candidatura ao prémio literário da Comunidade Europeia está a causar escândalo nacional e internacional. E o que dói ao escritor é que estas coisas possam continuar a acontecer em Portugal

Clara Ferreira Alves


Rui Ochôa

NO DIA em que o escritor José Saramago soube que o subsecretário Sousa Lara tinha riscado o seu nome da lista de candidatos ao Prémio Literário Europeu ficou «magoado», decidiu calar-se e não comentar. Habituado a não ganhar prémios em Portugal — o da APE escapou-lhe sempre das mãos devido a fundamentações insólitas de membros do júri —, José Saramago esteve à beira de ganhar o prémio Nobel, que acabaria por perder para Camilo José Cela. A história não é apócrifa e foi contada na intimidade por um dos membros da Academia sueca.

«Já estou acostumado às histórias dos prémios, mas o Evangelho vendeu muito e isso é que me importa, que o leiam e o critiquem, mas que o abram e vejam o que tem dentro». E o Sousa Lara? Não deveria o autor contra-atacar? **«O que me dói não é um Sousa Lara riscar-me, é que estas coisas possam continuar a acontecer em Portugal. E não é a primeira vez».** Com efeito, em duas anteriores situações — José Saramago escusou-se a especificá-las porque nomes de outros escritores, de boa fé, estavam envolvidos (os nomes que o substituiriam, ou substituíram) —, a secretaria de Estado da Cultura teria posto de lado o nome dele, apesar de num dos casos o convite para um colóquio partir do estrangeiro e vir endereçado com o nome de Saramago. A SEC não teria pago as viagens, outros organismos o fizeram.

A história não é edificante e foi contada pelo escritor no rescaldo da notícia do «Público», quando decidira, para já, calar-se e esperar. O telefone começara a tocar e diversas personagens se solidarizavam com a «perseguição», fundamentada em termos tão curiosos como estes: **«Um dia Saramago pode escrever um livro lindíssimo e ser o representante de Portugal».**

Um membro do júri da APE, com o mesmo tipo de coerência, enunciara uma vez a sua convicção de que do escritor José Saramago muito havia ainda a esperar e talvez um dia ele escrevesse um livro que ganhasse o prémio. Tudo uma questão de esforço. Do nome da senhora que afirmou tais dislates ninguém se lembra e do do autor que ganhou o Grande Prémio da APE nesse ano, poucos se lembrarão. Aliás, também nesta questão do Prémio Literário Europeu, a APE, com a verticalidade que lhe é peculiar (como diria um conselheiro Acácio), se recusou a apontar um nome com medo que essa decisão influenciasse o desfecho do seu prémio. Bizarro.

Em casa do romancista, o telefone continuou a tocar. O «La Stampa», de Itália, um jornal de Espanha...

O diabo à solta

Dois dias depois, o diabo andava à solta em volta do Evangelho (não desviemos a nomenclatura religiosa do discurso). Sousa Lara defendera-se-ia mal na Assembleia ao invocar «princípios que têm a ver com o património religioso dos cristãos. Longe de unir os portugueses dividiu naquilo que é o património religioso». Entretanto, o «La Stampa» de quarta-feira dava meia página ao episódio com o antetítulo **«Il Governo di Lisbona esclude il più illustre autore portoghese dal premio europeo di letteratura»**, e o título **«No a Saramago per un Vangelo»**. Agora, o escritor comentava a atitude do subsecretário: **«É a vitória da prepotência. O triunfo da arrogância de quem tem poder para tomar decisões e as toma fora do seu campo. É o regresso da inquisição».** No domingo anterior, o «ABC» (de Espanha) tinha também dedicado quase uma página ao assunto: **«Polemica en el mundo cultural portugues por el veto del Gobierno a José Saramago».** Texto sem comentários do vetado, calculando-se que a inclusão do seu nome na Frente Nacional para a Defesa da Cultura o paralisaram numa primeira fase. As duas questões correram o risco de se sobrepor e de uma fazer esquecer a outra. Além disso, Saramago estava surpreendido com a reacção da comunicação social à constituição da Frente e ao enunciado dos seus objectivos, estava mesmo zangado. **«Que se critique a Frente, muito bem, mas que se critique a Frente dizendo que somos uma cambada de tipos com reumático, que temos saudades do fascismo e do antifascismo, que estamos velhos e não servimos para nada, não! Isto não é argumento intelectual, não é admissível que se demitam nomes como o de José Cardoso Pires ou Miguel Torga, como o de Lídia Jorge, ou de muitos outros, dizendo que são a brigada do reumático. São gente com mérito, que tenta ganhar o seu pão a escrever e a quem ninguém tem que meter nódoa. A injustiça disto tudo é chocante. O Sousa Lara é um Sousa Lara, mas jornalistas com responsabilidades alinharam na linguagem ofensiva. Não me considero um velho com reumático».**

Antes de partir para a Alemanha, este fim-de-semana, Saramago endureceu o tom da sua resposta a Sousa Lara durante um encontro com estudantes da escola preparatória e secundária Dona Maria I, em Lisboa. **«Ele diz que o meu livro não representa Portugal e eu digo que quando o sr. Sousa Lara já nem a si mesmo se representar, eu ainda representarei este país».**

Descontando a tremenda imprudência política do senhor Sousa Lara ao arrogar-se o direito de se constituir porta-voz dos portugueses e do que eles consideram que os representa, por um lado, e o direito de considerar que todos os portugueses se reconhecem no mesmo credo que o seu, o católico, resta muito para discutir sobre este infeliz caso. O fundamentalismo não é propriedade do islamismo ou do judaísmo, como se vê. Sem recorrer a comparações alargadas, ou trazer ao debate os **Versículos Satânicos** de Rushdie importa relembrar que o português funcionário, comezinho e medíocre admira o génio trágico, mas renega o escritor com sucesso. Pessoa nunca poderia ser «best-seller» em vida. Já Agustina fez reparar, a propósito de Camões, que **«as pessoas precisam de génios infelizes para se verem poupadas no seu anonimato»**, e Natália Correia refetiu-se também ao gosto lusitano pelo poeta aos baldões, quando Raul de Carvalho teve de receber a mercê de umas moedas oficiais para sobreviver.

No reino da mesquinhez

O português não se reconhece no que o representa tanto como se reconhece no que lhe é estranho e o contradiz, poderia explicar-se ao sr. Sousa Lara. A nossa cultura ou é excessivamente cosmopolita e dependente do imperialismos francês e anglo-saxónico — reminiscências de uma cultura de bazar — ou é pacóvia e egocêntrica. Parafraseando Eça, quando os portugueses leram **Les Blasphèmes**, todos arranjaram uma mãe meretriz. Revendo-se nos espelhos que revestem o pequeno mundo do ressentimento intelectual, nomes grandes foram vítimas da mentalidade entediada e invejosa, ou da ignorância cultural do regime que tinha como resistência normal o neo-realismo. Uns refugiaram-se no exílio, interior ou não. Jorge de Sena exilou-se bem longe do **Reino da Estupidez**, e escreveu prosa áspera e amarga por causa disso. Ruy Belo foi hostilizado pela academia. Alexandre O'Neill foi caricaturado como poeta humorístico, amante de dichotes. Vitorino Nemésio ia passando à posteridade como autor de charlas televisivas (que a televisão nunca mais se preocupou em ressuscitar). Eduardo Lourenço recolheu a Vence, donde não saiu. António José Saraiva recolheu ao século XIX. Herberto Helder e Mário Cesariny resolveram ignorar os tolos e refugiar-se dentro do quarto da poesia. O interesse e o egoísmo próprios da actividade literária não são bem servidos pela vida em sociedade, que os suicida. Os jornais tornaram-se os novos manuais do conhecimento escrito, breves e imprecisos, digeridos à pressa, como convinha. A televisão reescreveu a linguagem oral, e assassinou-a. Os locutores escrevem romances e a lucidez, como por exemplo a de um Luís Pacheco, faz dos lúcidos, em pouco tempo, «les idiots du village». Nada disto teria importância se os autores da cultura, os que escrevem livros, neste caso, gabassem o suficiente para não precisar dos intermediários da cultura, os que a vendem, lançam e promovem, incluindo os críticos. Mas o próprio acto de publicar implica a dependência alheia embora não devesse implicar que os que a administram devam ganhar muito mais do que os que a fazem. Na prática, um país desinstruído e semianalfabeto que começa agora a levantar-se do chão, que perdeu hábitos de intervenção não politizados, que possui uma academia obsoleta e que não protege os seus rebeldes mas os seus submissos, um país onde a polémica intelectual não ultrapassa a discussão do subsídio e da frente contra o congresso (da Imaginação), da cultura contra a imaginação, é um país que não sustenta os seus intelectuais, e que obriga o Estado a sustentá-los e a sustentar sinecuras. Não os sustenta lendo os seus livros, comprando-os, comentando-os, criticando-os. Portugal não l ê, demonstrou a estatística. José Saramago é lido, muito lido. E vende. Ganha dinheiro com os livros. É um facto que inquieta as mentes oficiais, habituadas a sustentar os pobres que eles confundem com os pobres de espírito. As mentes oficiais também precisam de génios infelizes, que lhes garantam a utilidade e a verba. Há poetas que recebem, consta, 40 contos por mês.

«Não preciso dos prémios, mas ou não mos dão porque sou famoso demais ou porque já ganhei prémios demais sem os ter ganho. Em Portugal é sempre a mesma conversa. Mas desta vez é pior, desta vez sou riscado logo porque não represento Portugal católico? Fica-se farto.»

Espanha trata-o como um dos seus, um autor peninsular. Exílio ibérico em perspectiva? **«Ainda acabo por me ir embora, como tantos outros».**

Continuamos na época em que «era a Estupidez a entidade servida», como diria Sena, especialista de cenas tristes.

«Quando o sr. Sousa Lara já nem a si mesmo se representar, eu ainda representarei este país»